

RELIGIÃO

Não tenho deuses, mar.

Terra,
céu,
homem,
pedra,
selva,
não tenho deuses.

A dúvida andou sempre enroscada
nos meus hinos, minhas orações.
Porque fui embalada com salmos e cantos sagrados,
cresci decorando os belos versos bíblicos,
interpretando parábolas, recitando preces.
(Eram as minhas lições nas manhãs dos domingos.)

Eu precisava, contudo, de não pensar
no conteúdo e na direção dos meus cânticos de louvor,
para dizê-los inflamadamente.
Mesmo nas horas profundas das cerimônias,
meus hinos estiveram vazios de Deus.

Mas, no dia em que a dúvida crescente rompeu todos os muros,
comecei a ser eu mesma
e, assim, posso, hoje, proclamar:
Não tenho deuses, mar.

Tenho, porém, uma fé capaz de remover montanhas:
— num mundo melhor aqui na terra.
Uma fé que transborda em mim como um rio cheio:
— num mundo sem classes, onde a ventura coletiva reine.
Trago uma alma ardente de Tereza de Jesús, mas

Não tenho deuses, mar.

Terra,
céu,
homem,
pedra,
selva,
não tenho deuses.

MAURA DE SENA PEREIRA

TADASHI KAMINAGAI

(Apresentação no Catalogo da Exposição)

Frederico Barata



Tadashi Kaminagai mostra suas pinturas pela segunda vez no Rio de Janeiro. A primeira exposição foi realizada em julho de 1941, no Palace Hotel, apresentado o pintor ao público pelos seus colegas Candido Portinari e Fujita. Acabara ele de estar no Japão, depois de quinze anos ininterruptos de permanência em Paris, e visitava o Brasil, a caminho novamente da Europa. As anormalidades decorrentes da guerra aqui o detiveram e graças a isso podemos vê-lo agora em nova exposição na qual todas as telas são do Rio e de São Paulo, paisagens, naturezas mortas e retratos que revelam uma palheta cada vez mais rica e sensível, perfeitamente ambientada como o nosso meio após cinco anos de estudos e esforços bem orientados.

Tadashi Kaminagai, embora japonês de nascimento, é um pintor parisiense. Tendo iniciado o que chama "a odisséia da minha vida", ainda rapazinho, em rudes trabalhos de campo nas Índias Orientais Holandesas, a vocação pictórica acabou por levá-lo a Paris onde se iria consagrar definitivamente à pintura e lograr uma posição de destaque que, no meio artístico francês, só obtêm os pintores realmente de valor e temperamento. Dentro em pouco o seu nome se tornava conhecido e suas telas se sucediam, apreciadas no "Salon des Artistes Français", no "Salon de la Société Nationale des Beaux-Arts", no "Salon d'Automne" e no "Salon des Tulleries". Sua maneira era num bom sentido,

dos impressionistas, a daqueles impressionistas que Hausenstein dizia "reivindicarem para o artista o direito de criar com base na imaginação livre, sem a limitação da simples fixação de estudos a natural ou do estudo do próprio natural".

Acredita muita gente que o impressionismo esteja morto e afirma André Lhote louvarem-se os que assim pensam apenas na técnica impressionista da pincelada dividida ou nas imitações de efeitos em pleno ar livre. E instigam-se contra tal conclusão, fazendo-o com a dupla autoridade de crítico arguto e de pintor moderno quem seguindo, desde o cubismo, os movimentos inovadores.

Para ele não há na história da arte do nosso tempo impressionistas e transfugas do impressionismo. Van Gogh, Cézanne, Seurat e o próprio Gauguin não deixaram de ser impressionistas. O moderno, para Lhote, sejam quais forem as preferências em matéria de técnica, continua impressionista de temperamento, escravo de suas sensações. *La sensation plénant la place du jugement.*

Por esse impressionismo sadio deixou-se seduzir Kaminagai em Paris e na sua formação sente-se que influuiu grandemente a arte de Bonnard, talvez por força de uma identificação subconsciente com o pintor que tanto se apaixonara pelos japoneses a ponto de ter sido cognominado pelos companheiros, desde o Atelier Julien, de "le nabi três japonard". Essa influência japonesa, de resto, chegava a Bonnard através de numerosos outros artistas como Manet, Fantin-Latour, Degas e Whistler, entusiastas do japonismo desde que Félix Bracquemond descobriu casualmente, nas oficinas do impressor Delâtre, o célebre caderno "Mangwa", cheio de gravuras em madeira de Hokusai. Os impressionistas, — diz um crítico da época —, comprovavam com admiração os reduzi-dos recursos artísticos de que se valiam os mestres nipônicos e a superioridade fabulosa com que tratavam a linha. Foi desde então que Degas se preocupou com a linha e toda a geração que se seguiu rendeu culto ao contorno. O mes-

mo crítico opina que foi graças à descoberta de que os artistas japoneses renunciavam à perspectiva, que nos demos conta de que essa renúncia era um ato artístico decisivo, opondo diretamente à realidade tridimensional o plano bidimensional, como um modo de extensão específica, desse modo nos revelando de um golpe a necessidade de todas as torções, deformações e violações (características da arte moderna) que deve tolerar o objeto se quer passar do mundo natural ao da existência artística.

Kaminagai, assim, fazia-se impressionista em Paris, insensivelmente atraído por Bonnard e sua escola, porque na realidade seu espírito oriental encontrava afinidades com esses pintores que muito se tinham inspirado, por seu turno, na arte dos seus maiores. Basta olhar, por exemplo, "La Partie de Croquet", de Bonnard, imbuída de flagrante influência japonesa, para compreender a irresistível atração que fez do oriental Kaminagai um pintor ocidental por excelência, um pintor parisiense.

Vamos revê-lo aqui, nesta segunda exposição, bem diferente do Kaminagai de 1941, após um lustro de contacto com a natureza brasileira, evoluindo cada vez mais para a simplicidade, para a síntese, para a interpretação despida de naturalismo vulgares.

As paixões que a guerra desencadeia levaram o pintor, durante estes cinco anos de Brasil, a viver uma vida de isolamento, sem convívio com o público, confinado na fábrica de molduras de estilo moderno que em Santa Tereza montou para viver. Para muitos, que fora do meio artístico ignoravam o seu merecimento e o seu intenso labor, ele foi, neste largo período, apenas "o japonês das molduras". Folgo em que me tenha sido dada esta oportunidade de desenvolver-lhe publicamente os títulos, aos quais tem legítimo direito, de um pintor excelente que vamos de novo apreciar dominando já com maestria a nossa luz, cheio de cor local e magnificamente familiarizado com as características essenciais da paisagem do Brasil.